

## RESENHA

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

**Elza Yasuko Passini<sup>1</sup>**  
**Estevão Pastori Garbin<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>**Universidade Estadual de Maringá**

**Departamento de Geografia**

Av. Colombo, 5790 – CEP 87020-900 – Maringá – Paraná – Brasil  
elzayp@wnet.com.br

<sup>2</sup>**Universidade Estadual de Maringá**

**Departamento de Geografia**

Av. Colombo, 5790 – CEP 87020-900 – Maringá – Paraná – Brasil  
estevoepg@gmail.com

O livro de Yi-Fu Tuan é quase mágico em sua explanação fazendo com que entremos em um mundo de conceitos complexos e caros à Geografia por meio de reflexões sobre experiências dos espaços vividos, tornando-os próximos e reconhecíveis para um amplo número de leitores.

Yi-Fu Tuan, um dos principais expoentes da Geografia Humanística, é professor de Geografia da Universidade de Minnesota. Suas contribuições à Geografia são diversas, e, em geral, humanizam as relações do homem com seu meio, superando obstáculos impostos pela Geografia durante grande parte do século XX, que pouco considerava o homem como um ser composto por instintos, fantasia e sonhos. Desta forma, o conteúdo deste livro é orientado pela “complexa natureza da experiência humana, que varia do sentimento primário até a concepção explícita”.

Nós estudamos o *espaço* e o *lugar* como categorias geográficas e o autor nos convida a refletir filosoficamente sobre elas com a afirmação: “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Espaço e lugar estão intimamente relacionados e devem ser tratados como elementos do ambiente.

Ao indagar “o que é espaço?” o autor nos convida a confrontar espaço e espaciosidade, imaginando-nos em uma cidade

pequena e limitadora. Quando conhecermos espaços mais amplos, sentiremos o horizonte aberto, o ilimitado, diferente daquela cidade pequena e murada.

Os títulos dos capítulos já nos motivam a ler com cuidado e vontade o desvendamento do mundo. O autor nos apresenta, na perspectiva da experiência, suas reflexões desafiando a rever os conceitos que temos armazenado:

- Introdução
- Perspectiva experimental
- Espaço, lugar e a criança
- Corpo, relações pessoais e valores espaciais
- Espaciosidade e apinhamento
- Habilidade espacial, conhecimento e lugar
- Espaço mítico e lugar
- Espaço arquitetônico e conhecimento
- Tempo no espaço experiencial
- Experiências íntimas com lugar
- Afeição pela pátria
- Visibilidade: a criação de lugar
- Tempo e lugar
- Epílogo

O livro todo nos desafia com reflexões e análises memoráveis, no entanto, alguns são mais provocativos, como a frase “As crianças são miniaturas no mundo dos adultos, mas

gigantes em seu mundo de brinquedos” (p. 31) que coloca os investigadores dos caminhos da aprendizagem de ciência geográfica pelo público infantil a repensar suas propostas metodológicas. O capítulo terceiro - Espaço, Lugar e a criança - é um convite para os professores pesquisadores do mundo infantil a reestudar as ações das crianças numa perspectiva analítica de observar as ações e reflexos, pois o autor coloca algumas advertências para que o mundo da criança seja estudado e analisado como tal. "Os objetos no espaço são impressões; portanto tendem a existir para ele somente enquanto permanecem em seu campo visual". É a construção da permanência a que se refere Piaget e que conforme descreve Tuan, neste livro, alertando também que a capacidade de ver está relacionada a experiências não visuais também. "... a lua no alto é diferente da lua no horizonte" e que "a lua se move ao redor da Terra é uma abstração alheia à experiência da criança: a lua é vista apenas em dados momentos, separados por intervalos de tempo que a criança sente quase como eternos..." (p. 25). Ele afirma que a criança aprende a ver os indicadores espaciais e ambientais.

O autor afirma que "As realizações sensorio motoras, não implicam um conhecimento conceitual das relações espaciais" concordando com afirmações de Piaget sobre a construção da inteligência sensorio-motora que precede em vários anos a apreensão conceitual. Durante as atividades do dia-a-dia, a criança revela habilidades espaciais que estão muito além de sua compreensão intelectual. Ainda afirma que "O horizonte geográfico de uma criança expande à medida que ela cresce, mas não necessariamente passo a passo em direção à escala maior. Seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando o bairro; e da cidade seu interesse pode pular para a nação e para lugares estrangeiros, saltando a região. Na idade de cinco ou seis anos, a criança pode demonstrar curiosidade sobre a Geografia dos lugares remotos." A criança muitas vezes interessa-se por notícias de lugares distantes e não conseguimos divisar fantasia e realidade,

colocando-nos claramente que não precisamos trabalhar os espaços geográficos em círculos concêntricos, permitindo que a criança extrapole os limites das categorias dos livros didáticos. "Ao ler um livro ou ao ver suas figuras, ela entra rapidamente na fantasia de um mundo de aventuras". A imaginação se apresenta como um forte elemento para criar e dotar os espaços de sentido e emoções: é a construção do lugar.

Ainda bastante interessante a perspectiva com que o autor responde à questão "O que caracteriza o laço emocional da criança pequena com o lugar? É preciso que todos os educadores reflitam sobre essa pergunta: pais, professores de diferentes idades desde a educação infantil aos ciclos iniciais do ensino fundamental, pois nem sempre os lugares organizados para acolher crianças são adequados. É preciso pensar em um espaço acolhedor, onde a criança se sinta segura com referências conhecidas como brinquedos trazidos de casa, fotografias de pais e amigos, colocação de mobília que convide a criança a se sentar e se dedicar a algum trabalho como quebra cabeça, leituras, desenho, organização de material etc. É importante que haja possibilidade de fomentar a imaginação. Passar uma noite no quintal, em uma barraca ou em uma casa na árvore é para elas uma verdadeira festa, como se estivessem realmente fazendo uma longa viagem para uma cabana de caçador"

Conforme afirma Tuan, o lugar pode ter um profundo significado para o adulto por meio de acréscimo de sentimento ao longo dos anos... é um quadro de referência dinâmica, mobílias, odores, cores, movimentos. "A criança tem um passado curto, mas seus olhos, mais que os dos adultos, estão no presente e no futuro imediato."

O autor afirma que a criança não tem mundo, pois ele é construído pela sua ação, seus movimentos. Falta ao espaço do bebê, estrutura e permanência que ele constrói ao longo da sua vida. As outras crianças, os adultos, as informações do entorno e toda espécie de estímulo auxiliam a formar o arquivo.

São piagetianas as suas referências à capacidade de coordenação de pontos de vista, egocentrismo: "O egocentrismo se manifesta na tendência em pensar que todos os carros que vão na mesma direção devem estar indo para o lugar dela.". "Para a criança lugar é um tipo de objeto grande e um tanto imóvel.(...) A ideia de lugar da criança torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce.

"Tão logo a criança é capaz de falar com certa fluência, quer saber o nome das coisas. As coisas não são bem reais até que tenham nomes e possam ser classificadas de alguma maneira" (p.33).

Através da leitura integral do livro, é possível realizar reflexões importantes sobre a forma que nós – homens e mulheres, adultos e crianças – criamos vínculos e exploramos os espaços que nos entornam.

Nesse sentido, todos os capítulos são ricos e significativos, porém destacamos o capítulo 3, por ser um exemplo da perspectiva da experiência e reflexões, como também o capítulo 6 que relatamos a seguir por proporcionar uma articulação entre concepções de espaço e lugar.

"... a mente, uma vez iniciado o caminho exploratório, cria grandes e complexos esquemas espaciais, que vão muito além do que o indivíduo pode abranger através da experiência direta."(p. 76) e em seguida coloca: "A habilidade espacial se transforma em conhecimento espacial quando podem ser intuídos os movimentos e as mudanças de localização" e também esclarece "Andar é uma habilidade mas, se eu puder conservar esta imagem em minha mente que me permita analisar como me movo e que caminho estou seguindo, então eu também tenho conhecimento" (p. 77)

"Como os seres humanos adquirem a habilidade de zigzaguar em um ambiente desconhecido, como no caso das ruas de uma cidade estranha? os indicadores visuais têm importância fundamental, mas as pessoas dependem da imagem e de mapas mentais conscientes bem menos do que elas possam pensar. E Tuan faz alusão ao trabalho

experimental de Warner Brown, colocando as principais etapas de seu experimento sobre as habilidades para os seres humanos aprenderem a se orientar em um espaço labiríntico, utilizando padrões táteis-cinestésicos. Conforme Brown (apud Tuan) "... a princípio, somente o ponto de entrada é claramente reconhecido; além fica o espaço. após um tempo, mais referências são identificadas e o sujeito adquire confiança no movimento. Finalmente o espaço consiste em caminhos e referências familiares - em outras palavras, lugar." (p. 81). No entanto, Brown afirma que após essa experiência, se pedirmos aos sujeitos que desenhem o espaço labiríntico percorrido, há muitas dificuldades para essa reprodução.

E Tuan confirma: "Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar".

As explicações do autor sobre a concepção de lugar de alguns povos como Tasadai, de Mindanau que ocupam um pequeno nicho ecológico e sentem-se inseguros em sair do limite conhecido e ainda relata o autor que eles não têm palavras para mar ou lago. Também Tuan relata sobre grupos primitivos de caçadores da Sibéria que têm conhecimentos de astronomia. Os Yakute e os Buriate que conseguem reconhecer estrelas no céu para se orientarem.

"O desenho de mapas é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais. (...) Se se procura conceituar, o resultado pode permanecer na mente em vez de ser transcrito para um meio de comunicação material" (p. 86, 87).

E como faz em todo o livro, Tuan lança uma pergunta provocativa: "Que ocasiões exigem um mapa?(...) Talvez a ocasião mais comum seja quando se necessita transmitir eficientemente conhecimento geográfico a outra pessoa. Quando alguém quer saber como ir ao acampamento ou à cacimba, o auxílio que mais tempo consome é ir com ele até lá. Em vez disso, pode-se procurar explicar verbalmente o caminho e a natureza do terreno, mas isto é sempre difícil, porque a linguagem serve melhor para narrar eventos do que para descrever relações espaciais simultâneas. Um mapa esquemático, rabiscado rapidamente na areia, barro ou neve,

é a maneira mais simples e mais clara de revelar a natureza da região." Os registros em argila, couro ou rochas de cavernas "sugerem um desejo de guardar como relíquia o conhecimento geográfico comum em forma cartográfica."

O autor dá o exemplo dos chukchi do nordeste da Sibéria que foram desenhados com sangue de rena sobre tábua de madeira e é possível perceber a excepcional habilidade. Ainda o autor acrescenta que os mapas dos chukchi não ficam nada a dever aos elaborados pelo ministério da Marinha da Rússia por volta de 1900 da mesma região.

Pelo conteúdo e a forma com que o autor aborda estes temas, "Espaço e Lugar" torna-se uma leitura obrigatória a todos os leitores que desejam se aventurar pelos caminhos indicados por Tuan.

Data de recebimento: 08.02.2012

Data de aceite: 11.02.2012